

O triângulo dos saberes¹

Jacques-Alain Miller

O que Éric Laurent escreveu e depois comentou oralmente nos oferece muitos temas de reflexão, inclusive de trabalho, particularmente sobre a questão de saber quais foram as incidências da psicanálise sobre as ciências do século XX. Essas incidências respondiam ao desejo de Freud, como lembrou Serge Cottet. Lacan considera que, logo após a guerra, foram adotadas por um certo número de disciplinas. A incidência da psicanálise seria um tema a ser estudado, disciplina por disciplina, como essa incidência foi aceita, discutida, rejeitada, deslocada, e como está nos dias de hoje.

Gostaria de recolocar essas considerações no quadro de nossa pesquisa: não fazemos simplesmente um seminário teórico, mas estamos voltados para um "Que fazer?" que é o nosso.

A antinomia saber-ensino

Na última vez, lembramos a insistência da demanda de formação profissional. O departamento de psicanálise soube antecipá-lo em 1974, quando o espírito dos anos 60 ainda estava vivo. Começamos nossas atividades de formação permanente pouco depois da aparição dos decretos de aplicação, e isso contrariava o pensamento vigente no meio da EFP. O Colégio Freudiano para a Formação permanente data dessa época. Antes mesmo que ela se impusesse a nós, nos reunimos e decidimos assumir a relação com a formação profissional. E nos criticaram, antes de nos imitar, ou de tentar fazê-lo. Portanto, nós antecipamos isso.

Na proposição de Lacan para Vincennes, não se tratava absolutamente disso, mas unicamente, como enfatizava Éric Laurent, da relação da psicanálise com as ciências. Não a profissão, mas a ciência. Esse texto ganha seu valor tanto que ele só diz o que ele diz.

O que ele diz? Éric Laurent comentou o texto e foi muito esclarecedor pela relação evidente que ele tem com *Radiofonia*. Não vou retornar a isso.

O que ele não diz? Esse texto não fala do ensino, ele só o evoca, em última instância, para gozar a estupidez educativa da Universidade.

Fiquei impressionado, ao refletir posteriormente sobre o conjunto das contribuições publicadas em *Bref* nº2, com certo contraste entre uma espécie de incompatibilidade concernindo a posição do analista docente e o fato de não ser enfatizado com a mesma insistência o que sustenta a concepção de Lacan sobre esse assunto, ou seja, a antinomia entre o saber e o ensino.

Estamos certamente envolvidos no movimento do ensino - como ensinar? Como transmitir?, etc. Ora, se retornamos a Lacan, vemos que a base de sua concepção era a oposição entre saber e ensino.

Ele desmente a fórmula segundo a qual "O ensino é a transmissão de um saber". E como não debochar dessa fórmula a partir do momento em que o inconsciente é qualificado como "saber"? Tratar o inconsciente como um saber é necessariamente separar ensino e saber. Como ele escreve: "Nosso discurso não se sustentaria se o saber exigisse a intervenção do ensino"². O inconsciente, se é um saber, não é um saber que se ensine.

Portanto, ensino e saber são para Lacan duas palavras que não combinam. À fórmula de Hamlet, "*There are more things in heaven and Earth, Horatio, / Than are dreamt of in our philosophy.*"³, Lacan responde, dizendo: "postular que o

saber é a coisa no mundo mais difundida que o ensino não é imaginável”⁴.

A operação pedagógica

Isso conduz a: qual lugar dar ao ensino em relação ao saber? Resposta: o ensino não é o veículo do saber, ele é resistência ao saber, ou recalçamento do saber.

Isso está na contracorrente de todo o blábláblá sobre a transmissão: como vamos transmitir o que sabemos?, etc. Problemática de continente e conteúdo, imagens de transvasamento, a dos fluidos da libido em Freud e no *Banquete* de Platão.

Escrevamos ensino sobre saber, para indicar o lugar de recalçamento metafórico que o ensino tem em relação ao saber:

Ensino
Saber

Mas poderíamos também escrever saber sobre gozo, e situar a operação do ensino como a barra que separa os dois:

Ensino → Saber
Gozo

Esta é exatamente a operação da pedagogia: separar o saber e o gozo. A estupidez educativa é tentar a todo custo separar o saber e o gozo, barrar o gozo para que o saber triunfe. Há na pedagogia um ódio do mais-de-gozar do sujeito.

Uma observação. Evocou-se no Conciliábulo de Angers, a propósito do psicótico, que seria necessário na análise agir contra o gozo. Trata-se da própria estrutura do discurso universitário: S2 dominando o mais-de-gozar a e,

além disso, para fabricar um sujeito digno desse nome, um sujeito barrado.

Compreende-se, portanto, que a doutrina da psicose seja atraída pelo esquema do discurso universitário, já que o que Lacan desenvolve é totalmente diferente, ou seja, que saber e gozo estão do mesmo lado.

Trata-se de uma observação de passagem, para lembrar que Lacan busca no discurso universitário a pedagogia, que se torna o cerne do assunto.

Isso dá origem a um debate de Lacan consigo mesmo sobre: "Será que faço um ensino?" Primeira resposta: "Não, não faço de forma alguma um ensino. Meu discurso não é um ensino, tenta-se fazer dele um ensino, isso é uma tolice, não chegaremos a nada por aí". Segundo movimento - "Meu ensino".

Saber-semblante e saber-verdade

É aqui necessário lembrar que a Universidade é um lugar em que o saber provém do ensinamento - e esse não é o estatuto inicial do saber em nossa prática, se admitirmos que o inconsciente é um saber.

O saber foi capturado pela Universidade em um momento determinado da história, no século XII. Antes não havia Universidade. A partir do século XII, em alguns lugares precisos na Europa sob diferentes formas, certas Universidades foram se constituindo a partir do corpo docente, contratando professores - em todas as histórias de Universidades encontramos os modelos de Paris, Salerne, Bolonha, Oxford. Portanto, uma captura do saber pela Universidade, e me ocorreu refletir sobre essa história no início do Departamento de Psicanálise.

Vocês se lembram que, no discurso universitário, Lacan dá ao saber um lugar de agente, ou seja, de saber-mestre. Trata-se, no fundo, do saber-semblante.

Assim Lacan caracteriza o saber em função no dispositivo universitário: o saber-semblante. Trata-se sempre de um saber de mestre, além de ser um saber para os mestres, porque o segredo da Universidade é que é ao mestre a quem, mesmo através de mediações, ela continua a servir. Lacan está aqui em consonância com o movimento subversivo da época, ao dar ao saber universitário uma função de cão de guarda, retomando o termo violento de Nizan.

Para adiantar, digamos que esse saber-semblante é oposto a um saber-verdade:

Saber-semblante *versus* Saber-verdade

Trata-se do saber no lugar da verdade do discurso analítico, e também de tudo o que se reúne em torno dos valores da autenticidade. E assim Lacan se interroga: Quando se repete, será uma redundância? Será que tem sentido ou não? Como podemos julgar o tom de veracidade? Tantas questões sobre a oposição saber-verdade e saber-semblante. E ali ele se interroga sobre o plágio, o pastiche, ou seja, sobre a passagem do saber-verdade para o saber-semblante.

O terceiro saber

Poderíamos nos manter na oposição do saber-semblante, o formalismo do saber - o saber comunicado que não é vivido, não é sentido, pelo qual não se pagou, que nos contentamos em mudar ou colocar em forma, - com o saber verdade, aquele pelo qual se paga com sua pessoa.

Trata-se de um *topos* - opor o saber formal, vazio, imitado, etc. e o saber que constitui uma verdade autêntica.

Temos um triângulo. Saber-semblante e saber-verdade se completam com o saber-ciência:

doxema | matema

Há certamente a terceira possibilidade, ou seja, a ciência e a verdade do mesmo lado, em relação com o semblante:

Saber - ciência | Saber - semblante
Saber - verdade

Eis a pequena arquitetura.

A linha da falha

Vocês ouviram falar das placas tectônicas. Lá onde as placas se encavalam, há falhas, tremores de terra, é muito perigoso estar em cima. Esperamos o momento em que a Califórnia, que foi assentada sobre ela, vá fazer *plouf* - quando ocorrer o *big one*.

Ora, há uma falha no que chamamos nossa cultura, duas placas distintas. O momento inicial em que isso foi dilacerante - o patema estava ali - é a passagem do doxema ao matema no século XVII. A cultura retórica moderna foi elaborada a partir do Renascimento, recuperando a Antiguidade, etc., e então chegou a exigência propriamente científica:

Retórica | Ciência

Ali, temos uma linha de falha que é muito sensível nessa época e que não foi preenchida. No início dos anos 50, foi publicado um ensaio muito célebre, não muito profundo, que reli nas minhas férias, de um inglês que se chamava C. P. Snow, um ensaio retumbante na época, *As duas culturas*⁵: a cultura científica, a cultura humanística. O

autor deplorava que as pessoas não cheguem mais a se falar de ambos os lados. É como o eco dessa falha inicial.

Ou - é minha tese - a psicanálise se assenta sobre essa falha. Temos em Lacan passagens muito rápidas de uma placa a outra, de um lado a outro da falha.

Encontramos em Lacan a manutenção, em seu caráter radical, da exigência científica, a exigência científica em seu traço distintivo, sua reafirmação na psicanálise - coisa absolutamente incrível e da qual é preciso nos aproximarmos, por se tratar de uma exigência que, em Lacan, incide sobre a própria clínica. Mas também encontramos a reafirmação, ao mesmo tempo, dos direitos da retórica, e mesmo a definição do fim da análise pelo bem-dizer, ou seja, pela retórica.

Este é o ponto visado quando escrevemos **S (A)**. Essa fórmula foi feita justamente para dar lugar à doxa e para, em nossa prática, nos lembrar de tudo o que não podemos calcular, com o momento, a ocasião, sob a égide da prudência, termo capital da tradição humanista. Há uma parte da formação analítica que é prudência e bem-dizer, e nós a valorizamos.

É como se Lacan corresse muito rápido de um lado a outro.

Quando tentamos organizar, de fato, há como uma inconsistência interna de nossa concepção, e por isso não somos capazes de saber o que temos necessidade de saber. Nosso *ratio studiorum* é ainda indeciso, é feito de empréstimos a Freud, a Lacan, não sabemos o que temos necessidade de saber. Estamos presos a uma Universidade, já que nos reportamos a um saber que não se transmite pelo ensino.

(Interrupção da gravação. Desenvolvimento sobre Hobbes)

Retomando a palavra de Baudelaire, temos uma "dupla postulação", para a retórica e para a ciência, recorrendo

tanto ao doxema quanto ao matema. A posição de Lacan é sempre *contrarian*, como se diz em inglês, - de oposição.

Por que nunca começamos a fazer um programa de ensino? Porque isso se opõe à carta saber-verdade. Ora, somente o saber-verdade? Mas a verdade não passa de semblante: carta matema. Contradição que instiga, mas se não temos energia para sustentá-la, somos *aplastados* por ela. Não fomos ao programa de ensino porque há o saber-verdade. Mas não nos contentamos com o saber-verdade porque há o matema.

Tradução: Inês Autran Dourado Barbosa

¹ Nota preliminar elaborada por Jean-Louis Gault: O seminário das sete sessões não é um seminário de DEA, ele é deliberativo. Instituído por Jacques-Alain Miller, ele se reuniu sete vezes, de 11 de setembro a 23 de outubro de 1996. Reúne professores e coordenadores das seções clínicas francófonas. É destinado a pensar a renovação do Instituto do Campo Freudiano e deve chegar a decisões concernentes ao ensino que ali é ministrado. *Bref* é o caderno desse seminário, e reproduz as diferentes contribuições. *Bref* nº2 reúne vinte textos que respondiam a questão colocada por Jacques-Alain Miller para introduzir o seminário: "O que ensinamos de fato? O que é ensinar?" A intervenção que vamos ler foi elaborada por ocasião da segunda sessão, de 18 de setembro. Em seu início, Éric Laurent apresentou um comentário detalhado da proposição feita por Lacan em 1974, no momento da reestruturação do Departamento de Psicanálise, e publicada no primeiro número de *Ornicar?* com o título: "Talvez em Vincennes..." Em seguida, Jacques-Alain Miller toma a palavra.

² LACAN, J. (2003[1970]) "Alocução sobre o ensino". In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p.308.

³ Em português: "Há mais coisas entre o céu e a terra, Horácio/do que sonha a nossa filosofia".

⁴ LACAN, J. (2003[1970]) "Alocução sobre o ensino". In: *Outros escritos*. Op. cit., p.303.

⁵ SNOW, C. P. (1993[1959]) *As duas culturas e um segundo olhar*. Trad. Renato Rezende Neto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.